



Experiências socioprofissionais de egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol-RS (EFASOL)

Régis Dattein Solano¹
Erica Karnopp²

Submissão: 28/04/2022

Aceite: 22/08/2022

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as experiências socioprofissionais de egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol-RS (EFASOL), localizada na comunidade de Linha Formosa, interior do município de Vale do Sol, RS. Os quatro pilares da escola são: associação, pedagogia da alternância, formação integral e desenvolvimento do meio. Analisou-se a trajetória dos jovens egressos através de sua inserção socioprofissional e a relação deste processo com o desenvolvimento rural em âmbito regional. Para a realização da pesquisa, que se caracterizou como qualitativa, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo de caso embasado no método de abordagem fenomenológico. A pesquisa foi realizada com um universo de 62 jovens egressos/as da EFASOL e foi constatado que 84% dos jovens ainda residem em seus municípios de origem de quando foram estudar na EFASOL. Do total dos jovens pesquisados, 95,2% residem na região do Vale do Rio Pardo, 69,4% residem no campo e 88,7% possuem vínculo com a agricultura. Nesse caso, percebe-se a importância de uma educação contextualizada para a juventude do campo, criando novos desafios e possibilidades para o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância. Educação do Campo. Escola Família Agrícola. Egressos. Juventude do Campo.

Socio-professional experiences of graduates from Escola Família Agrícola de Vale do Sol-RS (EFASOL)

Abstract

This article aims to analyze the socio-professional experiences of graduates of the Escola Família Agrícola de Vale do Sol - EFASOL, located in the community of Linha Formosa, in the interior of the municipality of Vale do Sol, RS. The four pillars of the school are: association, pedagogy of alternation, integral formation and development of the environment. The trajectory of the young graduates was analyzed through their socio-professional insertion and the relationship of this process with rural development at the regional level. In order to carry out the research, which was characterized as qualitative, it was decided to develop a case study based on the phenomenological approach method. The research was carried out with a universe of 62 young people who had graduated from EFASOL and it was found that 84% of the young people still reside in their cities of origin when they went to study at EFASOL. Of the total number of young people surveyed, 95.2% live in the Vale do Rio Pardo region, 69.4% live in the countryside and 88.7% are linked to agriculture. In this case, the importance of a contextualized education for rural youth is perceived, creating new challenges and possibilities for regional development.

Keywords: Pedagogy of Alternation. Field Education. Agricultural Family School. Graduates. Countryside Youth.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as experiências socioprofissionais de egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol-RS (EFASOL). A escola está localizada em Linha Formosa,

¹ Doutorando em Desenvolvimento Regional (PPGDR/UNISC). Professor da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL). E-mail: regissolano@mx2.unisc.br

² Doutorado em Geografia (Eberhard-Karls Universität - Tübingen, Alemanha). Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR/UNISC). E-mail: erica@unisc.br

interior do município de Vale do Sol, região central do Estado do Rio Grande do Sul, é uma escola de Ensino Médio Técnico em Agricultura, que utiliza a Pedagogia da Alternância como sistema de ensino.

No projeto de criação da EFASOL, o objetivo era construir uma escola com características rurais, que tivesse “o pé na terra”, no seio da família e na união de forças para formar jovens. No ano de 2012, um grupo de agricultores familiares camponeses, lideranças comunitárias e instituições vinculadas à proposta de Desenvolvimento Regional, fundaram a Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL). Desde então, esta associação vem trabalhando para a implementação e manutenção da Escola Família Agrícola de Vale do Sol, que iniciou suas atividades em 10 de março de 2014.

Nesta proposta de escola, a pedagogia da alternância foi fundamental, tendo em vista que se trata de um método que busca a interação entre o estudante que vive no campo e a realidade que ele vivencia em seu cotidiano, de forma a promover constante troca de conhecimentos entre seu ambiente de vida e trabalho e o escolar. Costa (2012) menciona sobre a importância da Pedagogia da Alternância para os jovens estudantes, justamente para compreender que propriedade e famílias, bem como as comunidades que eles residem, são espaços de constante aprendizado entre o conhecimento teórico e empírico, que a partir disso nascem e se constroem novos conhecimentos aliados a novas ações em seus locais de onde estão inseridos.

Na pesquisa, associando um levantamento quantitativo por meio de questionário semiestruturado a uma abordagem qualitativa, optou-se pela investigação de um estudo de caso, compreendendo um universo de 62 jovens egressos/as da EFASOL, todos filhos e filhas de agricultores familiares camponeses, formandos nos anos de 2016, 2017 e 2018. A coleta de dados, foi realizada através do envio do questionário on-line (via e-mail) para os egressos/as da EFASOL.

O método de abordagem utilizado nessa pesquisa foi a fenomenologia. A fenomenologia se fundamenta no conhecimento nos fenômenos da consciência. Nessa perspectiva, todo conhecimento se dá a partir de como a consciência interpreta os fenômenos. Neste sentido, o mundo só pode ser compreendido a partir da forma como se manifesta, ou seja, como aparece para a consciência humana. Não há um mundo em si e nem uma consciência em si. A consciência é responsável por dar sentido às coisas. Portanto, tratar do tema educação do campo, nos leva a refletir sobre outras concepções de educação contextualizada para o jovem do campo e o que

está ao seu entorno, além de abrir possibilidades de escolhas e de oportunidades em relação a suas experiências socioprofissionais.

Por fim, esta pesquisa se justifica por investigar a realidade da juventude egressa da EFASOL e apresentar possibilidades através de uma educação contextualizada, além de sistematizar conhecimentos na perspectiva científica, a partir das experiências dos egressos/as da EFASOL, ampliar e aprofundar compreensões, conceitos e práticas da Pedagogia da Alternância na escola e no movimento CEFFA – Centro Familiar de Formação por Alternância, no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil.

2 Fundamentação teórica

Nesta seção deu-se ênfase à reflexão sobre juventude e educação do campo, bem como à pedagogia da alternância, tendo em vista compreender o fenômeno da inserção socioprofissional dos egressos da Escola Família Agrícola, a partir de um projeto para a educação do campo, no contexto do desenvolvimento regional.

2.1 Juventude e educação do campo

Os estudos existentes sobre a juventude do campo e suas especificidades, quando se fala em experiências socioprofissionais, apresentam grandes dimensões. Antes de tudo, importante a definição do ser jovem. Em termos jurídicos, segundo o Estatuto da Juventude, sob a Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013 são considerados jovens, as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Na perspectiva da visão sociológica sobre a juventude rural, Castro *et al* (2009) trazem uma reflexão sobre:

[...] a juventude rural é percebida como uma população específica, uma minoria da população jovem do país. Com efeito, se formos tratar o tema exclusivamente a partir dos dados oficiais de população, temos, de acordo com a Pnad (2006), que a população de 15-29 anos é de 49 milhões de pessoas (27% da população total), dos quais 4,5% rurais, ou seja, 8 milhões de jovens. Mesmo apresentados como “minorias”, não se trata de um contingente pequeno. No entanto, o debate deve considerar juventude para além de um recorte de população específica. Nesse sentido, juventude é, além de uma categoria que representa identidades sociais, uma forma de classificação social que pode ter múltiplos significados, mas que vem se desenhando, em diferentes contextos, como uma categoria marcada por relações de hierarquia social. (CASTRO *et al*, 2009 p. 44).

Segundo Menezes *et al* (2014), em relação a juventude do campo, esse tema exige a abordagem de questões objetivas e subjetivas, culturais, complexas, que demandam um papel

forte especialmente das organizações nas ações que ajudem a promover esse debate, ainda mais quando falamos em políticas públicas para este público em específico. Importante mencionar nesse processo, que as políticas de juventude a serem desenvolvidas, possam dialogar e construir um olhar sobre o campo e a cidade, ou seja, ampliar esse leque sobre o segmento juventude do campo, que não é uma simples especificidade da juventude brasileira, pois estamos falando de um segmento que é estratégico para o desenvolvimento sustentável do país.

Pozzebon (2015) destaca que nas EFAs, sua proposta educacional é voltada para esse jovem do campo, na partilha e interação de todos os sujeitos que são envolvidos através da Pedagogia da Alternância, na busca de uma educação contextualizada e fundamentada onde os próprios sujeitos que estão no campo, sejam os protagonistas de suas ações. Em relação às EFAs elas têm como proposta promover a formação integral dos filhos/as de Agricultores Familiares Camponeses, contribuindo em sua formação técnica e cidadã havendo grande relação entre o jovem, a escola, sua família e a comunidade de modo geral. Sobre a vida profissional desses jovens, o autor afirma que:

[...] a ampla maioria dos jovens egressos estão inseridos de forma ativa na vida profissional, mesmo estando em fase de passagem da condição juvenil para a vida adulta. Há sinais claros que o vínculo com a agricultura familiar continua forte e parece determinante no futuro profissionais destes jovens. (POZZEBON, 2015, p.137).

Sobre o processo das experiências socioprofissionais dos jovens, sobretudo após o processo de formação na EFA, é considerada como a entrada no mundo do trabalho, seja na propriedade de sua família ou fora dela. Figaro (2009) retrata sobre esse momento na vida dos jovens, como algo difuso, amplo e, também, complexo. A juventude tem grande papel quando falamos em Agricultura Familiar Camponesa, sobretudo de experiências socioprofissionais, conforme Silva et. al (2016, p. 7):

A juventude rural está inserida no trabalho familiar, uma vez que essa inserção se caracteriza pela unidade de produção agrícola ter a propriedade e o trabalho inteiramente ligados à família. A agricultura familiar é bastante representativa no Brasil, pois 84% de todas as propriedades rurais do País são de agricultores familiares; tal forma de agricultura é responsável por empregar aproximadamente cinco milhões de famílias em todo o País. Alguns dados demonstram que a agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos consumidos e preserva 75% dos recursos agrícolas do planeta.

O conceito de Educação do Campo, segundo Molina e Freitas (2011) originou-se no processo de luta dos movimentos sociais camponeses e, por isso, traz de forma clara sua intencionalidade maior, que é a construção de uma sociedade sem desigualdades e com justiça

social, portanto, podemos dizer que a educação do campo surgiu devido à necessidade de mudança da própria base, ou seja, do campo.

Begnami (2019) faz uma reflexão ao debate sobre a Educação do Campo, na perspectiva que a Educação do Campo começa pela leitura crítica do próprio campo, pois a questão agrária torna-se um problema estrutural do modo capitalista de produção, causando um desenvolvimento desigual devido à concentração de poder, e da hegemonia da cidade sobre o campo. Diante disso, iniciar o debate da Educação do Campo introduzindo inicialmente o tema da Questão Agrária pelos Movimentos Sociais, torna-se um instrumento de leitura e interpretação da realidade do campo em que vivemos.

A Educação do Campo tem o intuito de fazer as pessoas pensarem, refletirem e lutarem por outra sociedade possível, com justiça e valorização das relações baseadas em equidade social, que segundo Souza (2008, p. 2), a Educação do Campo:

[...] tem conquistado lugar na agenda política nas instâncias municipal, estadual e federal nos últimos anos. Fruto das demandas dos movimentos e organizações sociais dos trabalhadores rurais, a Educação do Campo expressa uma nova concepção quanto ao campo, o camponês ou o trabalhador rural [...]

Molina (2006), acredita ser necessário o estabelecimento de uma permanente relação com as questões de desenvolvimento local e regional, a partir de um projeto popular e revolucionário de acordo com a realidade de base das comunidades e suas especificidades, dos sujeitos presentes sendo estes agricultores familiares, assentados da reforma agrária, extrativistas, entre outros atores sociais do campo. A autora ainda indica que na construção de políticas públicas voltadas aos mesmos, há grandes desafios, dentre eles o de transcender e romper com as interpretações que unidimensionalizam o multidimensional, tal como é o território rural no Brasil nos dias de hoje.

A década de 1990 foi histórica para a Educação do Campo, quando através dos movimentos sociais se organizaram e começaram a defender assuntos relacionados à educação como um meio do estado diferenciar a educação urbana e a rural, momento este que inicia a luta pela Educação do Campo (BASTIANI; STRASSER, 2012).

Já para Gadotti, et al (1995) é necessário que a escola trabalhe junto aos seus sujeitos de forma diferenciada, onde o ensino e o aprendizado andam juntos em uma proposta pedagógica alicerçada na pedagogia crítica, sendo capaz de desafiar o educando a pensar criticamente sobre a realidade social, política e histórica onde ele vive, construindo outros olhares, reflexões e ações

a partir de onde ele está, se dando conta da importância de estar ali e, sobretudo, criar possibilidades de continuar e valorizar a Agricultura Familiar Camponesa.

Portanto, a discussão da educação no campo contribui para o debate referente a juventude rural. Nesta perspectiva, percebe-se que a modernização da agricultura afetou os modos de vida e as construções sociais. A juventude rural com suas perspectivas mostra-se como uma alternativa que aproxima a projetos que possibilita os modos de vida.

2.2 Pedagogia da alternância: breve contexto histórico

Ao trazer uma ênfase histórica sobre o surgimento da Pedagogia da Alternância, não pode-se deixar de mencionar o sacerdote francês, Padre Granereau (Abbé Pierre-Joseph Granereau), nascido em 02 de janeiro de 1885, filho de agricultores e militante do sindicalismo camponês, onde criou em 1935, a primeira Casa Familiar Rural (ou Escola Família Agrícola) pelo sistema da alternância, interligando de forma orgânica e pedagogicamente, o espaço escolar com o extraescolar, que durante sua vida longa de 102 anos, muito lutou para aperfeiçoar, defender e difundir, na França e no mundo todo, esse novo sistema de ensino, diferente do modelo escolar urbano tradicional.

O Padre Abbé Pierre-Joseph Granereau, em sua obra, O livro de Lauzun³, um verdadeiro diário, escrito aos poucos, que reúne notas, observações, análises, propósitos e projetos, além de encontros com agricultores, autoridades, técnicos, momentos de conquistas e frustrações. Tudo referenciado à criação e expansão das escolas da Pedagogia da Alternância, as *Maisons Familiales Rurales* – MFR. (GRANEREAU, 2020).

O sacerdote, na época, criou uma escola camponesa própria, de elevada qualidade moral e técnica, para formar uma nova cepa de dirigentes, que liderassem o desenvolvimento do território camponês, quebrando a atávica submissão econômica, política, social e cultural à cidade. Para colocar em prática este projeto, agarrou-se nas duas maiores instituições na época, a Igreja Católica e o Estado. Transformou sua casa paroquial numa escola, onde ministrava através da ajuda de um monitor, aulas em tempo integral durante oito dias, em regime de internato para quatro jovens (sem autorização legal no início), adaptava o calendário escolar ao

³ Publicado recentemente (2020), O livro de Lauzun: Onde começou a Pedagogia da Alternância, de autoria de Abbé Pierre-Joseph Granereau, organizado por Elenilce Gomes de Oliveira e Enéas de Araújo Arrais Neto, traduzido por Antônio João Mânfió, João Estáquio Romão, Atico Fassino e Thierry Burghgrave, revisado por Paolo Nosella, Thierry Burghgrave e João Batista Begnami.

ritmo da lavoura, ao retornarem às suas famílias, os jovens participavam do trabalho do campo, com a família, mas também havia horas diárias de estudo, seguindo de orientações do educador e do professor, que no mês seguinte, retornavam a casa paroquial (escola) para a segunda sessão de aulas. Isso aconteceu em Sérignac-Pédoudou, o berço dessa iniciativa (GRANEREAU, 2020).

E assim, nasceu a Pedagogia da Alternância, através da escola camponesa, era a ciência e a técnica no trato da terra. Granereau (2020) destaca que mesmo através das conquistas modernas da ciência e da tecnologia, devia-se somar a sabedoria acumulada pelos agricultores ao longo de toda a história. A casa paroquial ficou pequena, precisou mudar para a cidade de Lauzun, na França, onde pouco a pouco o Projeto Político Pedagógico se refinou, integrando cultura geral, ciência e tecnologia, com o apoio da Associação, formada por pais agricultores camponeses. Logo, o processo de expansão começou, a *Maison Familiale Rurale* não podia mais ficar isolada em Lauzun, pois outra escola nos mesmos moldes foi solicitada pela Associação em Vétraz-Monthoux, sendo indispensável a criação de novas escolas, havendo a necessidade de criar um Centro Pedagógico Nacional para a formação de professores, produção de pesquisas e material didático, onde o modelo espalhou-se por toda França, após na Europa, na África, nas Américas e, também, na Ásia (GRANEREAU, 2020).

A Pedagogia da Alternância foi utilizada para nortear os primeiros passos de uma proposta diferenciada de ensino e aprendizagem, que possibilita ao jovem acessar o estudo sem se afastar do meio em que vive, podendo relacionar os saberes científicos com os saberes populares, de sua vivência cotidiana. Diferente das escolas técnicas tradicionais, pois o jovem acaba perdendo o contato direto com sua família, da sua realidade de modo geral, durante seu processo de formação, sendo assim um gargalo encontrado no ensino tradicional.

Consequentemente na França a experiência foi denominada de *Maison Familiale Rurale* (MFR), como já mencionado. Segundo Begnami (2003) foi um processo histórico longo e sofrido pelos movimentos sociais. Foi fruto de uma estratégia de organização de agricultores, cujos objetivos principais eram de discussão do contexto social, a transformação da sociedade francesa, além de discutir a organização profissional e os problemas enfrentados no campo, organizando os agricultores através de sindicatos e cooperativas, transformando as mentalidades através de um processo educativo permanente.

De acordo com BEGNAMI (2003, p. 23):

A primeira MFR foi instituída oficialmente em 17 de novembro de 1937 em Lausun, sede do Cantão, Departamento Francês de Lot-et-Garone. Isto, depois de longas reflexões e múltiplos entendimentos a partir de avaliações feitas pelas famílias envolvidas na experiência iniciada em Sérignac-Péboudout no ano de 1935.

Para Costa (2012), com o crescimento da Pedagogia da Alternância no mundo, em 1975, em Dakar, no Senegal, entre os dias 12 e 16 de maio foi criada uma entidade internacional, sendo a Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR). A Pedagogia da Alternância parte de um princípio de alternar, ou seja, aonde o jovem vem a permanecer um período em sua casa e/ou propriedade e o outro na escola, neste caso, alternando seus momentos de formação relacionando sua realidade (família, propriedade, comunidade) e a escola, rompendo neste caso, um paradigma de onde somente a escola tem o papel ou a responsabilidade pela educação das pessoas, não levando em consideração a realidade do jovem, suas condições de vida, portanto é de suma importância conhecer o espaço onde está inserido e as pessoas de seu convívio.

Esse sistema de ensino, se transformou em um movimento em nível mundial. Em poucos anos chegou ao Brasil, por volta de 30 anos depois das primeiras experiências no exterior. Na América Latina, o Brasil é o primeiro país a desenvolver esta nova experiência no Sul do estado de Espírito Santo em 1969, tendo nesse caso as experiências italianas como interlocutoras para sua implantação (BEGNAMI, 2003).

O Padre Jesuíta, Italiano, Humberto Pietrogrande foi um dos atores importantes na vinda da Pedagogia da Alternância para o Brasil. Junto a um grupo de agricultores, lideranças religiosas e políticas cria o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), o qual fica encarregado de fomentar a criação e prover financeiramente as EFAs. Hoje são 18 EFAs em funcionamento no Espírito Santo ligadas diretamente ao MEPES. Nota-se que esta entidade será referência para o processo de expansão no Brasil. (BEGNAMI, 2019, p. 115).

A expansão das Escolas Famílias Agrícolas em território nacional, ocorre por várias iniciativas, sobretudo influenciadas principalmente pelas comunidades ligadas às Igrejas Católica e Luterana, dos movimentos sindicais e de trabalhadores rurais. Atualmente são doze Associações Estaduais constituídas por agricultores, que se filiam às Associações Locais de cada EFA. As Associações Regionais são sócias da União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), entidade civil, criada em 1982 em Jaguaré, no Estado do Espírito Santo (BEGNAMI, 2019).

Observa-se que o processo de expansão das Escolas Famílias Agrícolas e das Casas Familiares Rurais em todo território nacional, foi significativa. Segundo os dados do Censo Escolar (INEP, 2019), na Educação Básica apontam um total de 437 instituições escolares que se organizam em Alternância no Brasil, sendo 178 na esfera/categoria estadual, 160 comunitárias, 85 municipais e 15 federais. O total de CEFFAs existentes no Brasil são de 231, sendo 156 EFAs e 75 CFRs (CONTAB, 2019).

No Rio Grande do Sul, mais especificamente no Vale do Rio Pardo, região central do estado, se inicia um movimento em 2008 para a criação de uma EFA voltada aos jovens do campo, que utilizava como sistema educativo a Pedagogia da Alternância, sendo fundada em 2009 a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) (COSTA, 2012). Após a fundação da EFASC, outras escolas foram implantadas no estado, sendo a Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (EFASERRA), e a Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL). (POZZEBON, 2015). Mais recentemente foi fundada a Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), no ano de 2016.

2.3 A criação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol-RS (EFASOL)

Antes da criação de uma EFA, primeiro vem sua Associação Local, a mantenedora. Antes da criação da associação, vem pessoas com o desejo de proporcionar um ensino diferenciado para os filhos e filhas de Agricultores da região, que se articulam entre si, para viabilizar a criação de uma EFA. Em 2011 iniciaram-se as primeiras articulações sobre a possibilidade de uma EFA no município. Portanto, nesse mesmo ano foi criada uma comissão Pró-EFA Vale do Sol, formada por professores, representantes de entidades públicas e privadas, pais de estudantes e demais grupos organizados, a fim de realizar um estudo sobre a viabilidade de uma EFA no município.

Houve diversas reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol, onde uma das atividades a serem realizadas, era a efetivação de uma pesquisa sobre a implantação da EFA no município. O objetivo desta pesquisa era justamente divulgar a proposta e estimular a reflexão sobre a implantação da EFA, realizando um levantamento de demanda, interesses no apoio, parcerias e determinar a importância ou não de haver uma EFA.

Foi constatado que 97% dos estudantes das séries finais no município apoiaram a criação de uma EFA em Vale do Sol, pois vislumbravam a vinda de mais oportunidades para o desenvolvimento do município, aprender “coisas” novas, para o jovem se interessar pelo meio rural, entre outras justificativas que foram destacadas nas pesquisas. Do grupo, 65% gostaria de estudar em uma EFA e 48% pretendem permanecer na agricultura, foram dados bem pertinentes coletados durante a pesquisa. Da pesquisa com as famílias, 97% apoiaria a criação de uma EFA também, e 78% incentivaria seu filho a permanecer na agricultura.

Além destas questões, também foi solicitado aos entrevistados para destacarem sobre quais as maiores necessidades do meio rural atualmente, onde a permanência dos jovens no meio rural, investimentos em Educação do Campo e a garantia de comercialização dos produtos foram as mais levantadas, de acordo com a pesquisa.

Portanto, no dia 1º de maio de 2012 foi realizada a Assembleia de fundação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol. O processo da fundação da AEFASOL até o início das atividades da EFASOL, levou praticamente 2 anos, onde o funcionamento da EFASOL ficou definido em ser em dois espaços, sendo eles: Na Brizoleta (escola construída em 1962 na comunidade de Linha Formosa, na época Leonel Brizola era o governador do estado, nome referenciado, nesse caso, ao Governador), com alojamentos, cozinha, refeitório e área experimental e o outro espaço na Escola São Joao Batista (torno de 400 metros de distância da Brizoleta) com salas de aula e biblioteca.

A proposta para o início do funcionamento da EFASOL era para ser em 2013, mas em função da conjuntura financeira, a associação definiu em iniciar em 2014 havendo um período maior para a formação de grupo inicial dos professores, reformas nos espaços de funcionamento da escola, busca de orçamento e de estudantes, o que foi um grande desafio. Para a formação da primeira turma, a proposta inicial era de 25 estudantes, portanto houve grande mobilização das rádios regionais, jornais locais e regionais divulgando que a EFASOL estava com as inscrições abertas.

No entanto, se iniciam os preparativos da inauguração da EFASOL no dia 10 de março de 2014, com diversos parceiros das esferas pública e privada, mas também das famílias que na época foram importantes apoiadoras. A turma iniciou o ano letivo em 2014 com 24 jovens filhos e filhas de agricultores da região (Vale do Sol, Lagoa Bonita do Sul, Sinimbu, Tunas, Candelária e Cachoeira do Sul os municípios de abrangência). Diante disso, deu-se início às atividades da EFASOL, um processo longo, árduo, de persistência, luta e resistência, que praticamente resultou em 950 dias após a primeira reunião em 02 de agosto de 2011, até o início das atividades em 10 de março de 2014, e que em 2022, completa 8 anos de existência.

3 Resultados e discussão

Nesta seção apresenta-se o protagonismo dos jovens egressos/as da EFASOL. Inicialmente apresenta-se o perfil do egresso pesquisado e suas experiências socioprofissionais, no contexto regional em que estão inseridos.

3.1 Identificação do jovem pesquisado e o seu atual local de residência

O coletivo pesquisado para compor as informações descritas, compreendem um universo das três primeiras turmas formadas pela EFASOL, sendo elas: A primeira que ingressou no ano

de 2014, jovens oriundos do município de Vale do Sol (total de 14 jovens), de Sinimbu (2 jovens), Lagoa Bonita do Sul (2 jovens), Cachoeira do Sul (1 jovem), Candelária (1 jovem) e Tunas (1 jovem). Foram um total de 21 jovens (14 meninos e 7 meninas) que finalizaram a formação no ano de 2016.

A segunda turma pesquisada ingressou na EFASOL no ano de 2015, sendo jovens do município de Vale do Sol (12 jovens), Vera Cruz (2 jovens), Cachoeira do Sul (1 jovem) e Barros Cassal (1 jovem). Percebe-se que muitos jovens ainda eram do município de Vale do Sol, porém nessa segunda turma, integrou-se na abrangência da escola, os municípios de Vera Cruz e Barros Cassal. Foram um total de 16 jovens (13 meninos e 3 meninas) que finalizaram a formação no ano de 2017. Por fim, a terceira turma pesquisada ingressou na EFASOL no ano de 2016, sendo jovens do município de Gramado Xavier (8 jovens), Vale do Sol (4 jovens), Vera Cruz (1 jovem), Barros Cassal (2 jovens), Sinimbu (3 jovens), Lagoa Bonita do Sul (1 jovem), Candelária (1 jovem), Herveiras (3 jovens), Salto do Jacuí (3 jovens), Arroio do Tigre (1 jovem) e Ibarama (1 jovem).

Percebe-se nesse caso, que no município de Vale do Sol houve uma grande redução no número de estudantes, porém existiu um grande aumento na área territorial de abrangência da EFASOL, integrando novos municípios nesse ano, sendo Gramado Xavier, Herveiras, Salto do Jacuí, Arroio do Tigre e Ibarama. Porém, destaca-se que Salto do Jacuí, é o município de maior distância em relação à sede da EFASOL, com mais de 200 quilômetros (km) de distância. Esta turma também foi a maior turma que ingressou na EFASOL, totalizando 28 jovens (19 meninos e 9 meninas) que finalizaram a formação no ano de 2018.

Portanto, dos 65 egressos/as da EFASOL que foram convidados a participarem dessa pesquisa com o envio do questionário *on-line* por e-mail, explicando a proposta da pesquisa, seus objetivos e sua importância para a EFASOL e para o movimento CEFFAs no Brasil e no mundo. Destes, 62 responderam ao questionário, ou seja, se obteve uma taxa de retorno de 95,4%, sendo um número altamente significativo tratando-se de uma pesquisa de livre adesão.

Portanto, os dados e informações que serão apresentados, referem-se ao retorno dos 62 jovens que participaram da pesquisa. Destes, 45 são meninos e 17 são meninas. A idade dos jovens, demonstraram uma variação de 20 até 26 anos, caracterizando o grupo pesquisado como jovens, segundo institui o Estatuto da Juventude, sob a Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013, onde são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. O público egresso da EFASOL, se distingue em perfil juvenil, conforme Pozzebon (2015), onde estes jovens estão em uma faixa etária de vida e/ou condição juvenil, melhor dizendo em uma condição transitória, não linear, que possivelmente estão em constantes mudanças de vida, tanto social quanto

profissional, até chegarem ao momento de suas vidas adultas, gerando momentos conflituosos na busca de afirmação sobre quais caminhos seguirem.

Essa juventude em específico, quando iniciaram sua formação na EFASOL, residia em suas propriedades, juntamente com suas famílias, sendo caracterizados como Agricultores Familiares Camponeses da região. Os municípios de origem dos egressos da EFASOL, são: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Cachoeira do Sul, Candelária, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Salto do Jacuí, Sinimbu, Tunas, Vale do Sol e Vera Cruz.

O maior número de jovens que estudaram na EFASOL residia nos municípios de Vale do Sol e Gramado Xavier. Estes correspondem a 60% do total do local de origem dos jovens. Em relação ao atual local de residência dos jovens egressos, estão os municípios de Arroio do Tigre, Barros Cassal, Cachoeira do Sul, Candelária, Garibaldi, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Ijuí, Ipê, Lagoa Bonita do Sul, Salto do Jacuí, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale do Sol e Vera Cruz.

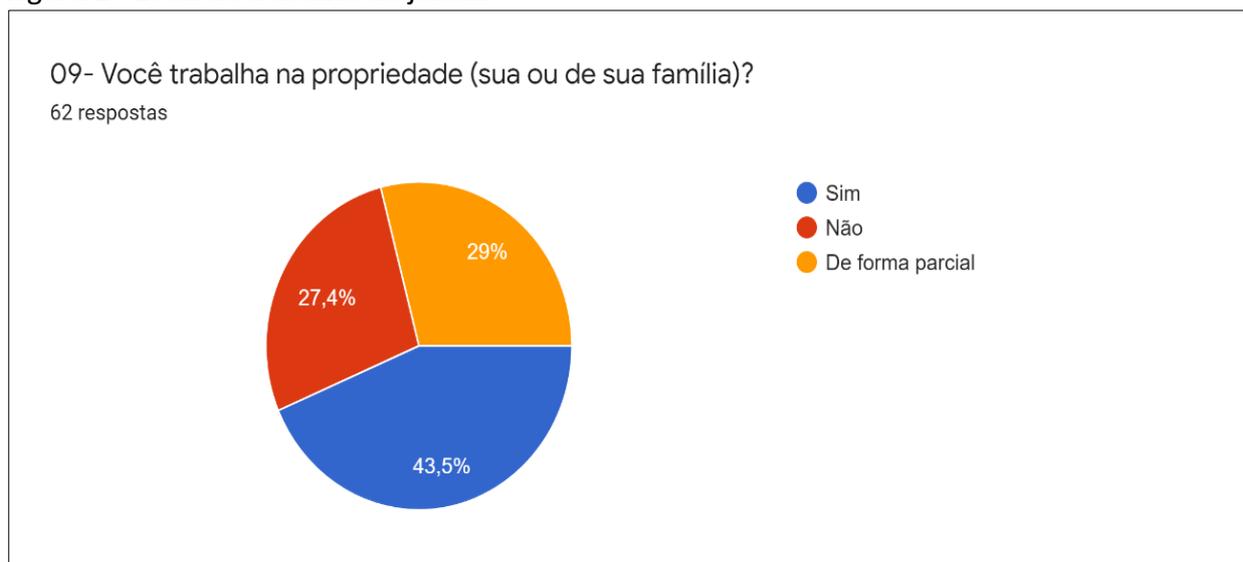
De modo geral, parte significativa, ou seja, 84% dos jovens, egressos da EFASOL ainda residem em seus municípios de origem. 11,2% saíram de seus municípios de origem, mas residem em municípios do entorno. 4,8% foram em busca de qualificação, através do ensino superior e em busca de oportunidades de trabalho, em regiões do Estado, mais distantes. Do total de jovens egressos pesquisados, 10 mudaram de residência.

Dos 62 jovens egressos/as, 29 residem no campo, com os pais/família na mesma propriedade, ou seja, aproximadamente 50% dos jovens continuam ativamente em suas propriedades, juntamente com suas famílias. Outros 6 jovens, residem também no campo, com os pais/família na mesma propriedade, porém em casa separada, totalizando 9,7%. Por fim, 8 jovens residem no campo, mas em outra propriedade (não sendo de seus pais/família nesse caso), chegando a 12,9%. Por outro lado, 19 egressos/as estão residindo na cidade e demais locais urbanizados, chegando a 30,6%. Portanto, 69,4% dos egressos/as da EFASOL, estão residindo no campo atualmente, estando juntamente com seus pais, informação esta que evidencia que os jovens estão permanecendo no campo, tendo sua vida profissional vinculada a agricultura familiar camponesa.

3.2 As experiências socioprofissionais dos jovens egressos da EFASOL

A juventude egressa da EFASOL, se encontra em uma fase transitória de suas vidas, tanto social quanto profissionalmente, na busca de sua autonomia, de projetos pessoais e objetivos de vida. A figura 2 demonstra a relação do jovem com o seu local de trabalho.

Figura 2 - Local de trabalho do jovem



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Observa-se que em relação às experiências socioprofissionais, 27 jovens (43,6%) estão diretamente trabalhando na propriedade (sua ou da família), 18 jovens (29%) de forma parcial e 17 jovens (27,4%) não trabalham na propriedade. Nesse sentido, 45 jovens (72,6%) trabalham em sua propriedade, ou de sua família, integralmente ou parcialmente.

Dos 17 jovens que não trabalham na propriedade, 10 (59%) possuem vínculo com a agricultura de outra forma, ou seja, trabalham com assistência técnica para agricultores, estudam graduação e outros cursos na área das ciências agrárias, atuam em movimentos sociais e sindicais, entre outros. Por fim, podemos colocar que mesmo o jovem possa não trabalhar em sua propriedade, ou de sua família, pode existir vínculo com a agricultura, pois suas atuações têm papel fundamental para a Agricultura Familiar Camponesa. Nesse sentido, pode-se afirmar que 88,7% (55 jovens) dos egressos e egressas da EFASOL, possuem vínculo com a agricultura. É um número expressivo, diante do contexto nacional em que a juventude do campo vive. No caso da juventude egressa da EFASOL, percebe-se sinais claros de pertencimento na Agricultura Familiar Camponesa.

Nesta pesquisa os dados demonstram que 88,7% da juventude egressa da EFASOL tem vínculo com a agricultura, ou seja, denota um reflexo do processo de ensino-aprendizagem das Escolas Famílias Agrícolas. A Pedagogia da Alternância permite a cada jovem viver sucessivamente períodos distintos, sendo na escola (centro de formação) e na propriedade. Sua formação está centrada na vida, na realidade cotidiana da família (trabalho e lazer), promovendo ações que venham a fortalecer o meio de onde vivem (desenvolvimento do meio).

A EFASOL durante suas atividades formativas, além de trazer à tona os impactos da modernização da agricultura, e todas às problemáticas da grande utilização de produtos químicos nesse modelo de agricultura centralizadora, traz a Agroecologia em foco, bem como a importância da diversificação nas propriedades camponesas.

As principais características da Agricultura Familiar Camponesa são a diversificação produtiva, a produção de alimentos para o autoconsumo e, também, para comercialização. A presença da diversificação produtiva é um fator muito considerado nas propriedades dos jovens, visto existir uma vasta diversidade de culturas e criações, e conseqüentemente, diferentes fontes de renda, pois 71% da juventude egressa da EFASOL (44 no total), possuem de duas até cinco fontes de renda em suas propriedades. A figura 3 retrata uma reportagem de um jornal local, representando o trabalho na agricultura de dois jovens egressos da EFASOL, diversificando suas atividades.

Figura 3 - Reportagem Jornal Arauto



COLONO E MOTORISTA
2020
ARAUTO | 24 e 25 de julho de 2020 | 09

Fruto para agregar

O morango cativou os jovens vale-solenses a apostarem no investimento de estufas para o cultivo da primeira safra, neste ano. Egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Efasol), Jefferson Henrique Rech, morador de Linha Trombudo, e Fabiano Welland, de Formosa, vivem com os pais, que têm na produção de tabaco a principal renda da família, sem contar as verduras e a criação de animais. Os jovens vale-solenses, ambos de 20 anos, resolveram inovar para diversificar - as culturas e a renda na propriedade. Buscaram orientações técnicas, investiram e construíram suas estufas para a primeira safra de morango.

Jefferson, que atualmente faz faculdade de Agronomia na Unopar, de Santa Cruz, também cultiva hortaliças orgânicas que são vendidas na Feira Caminhos da Agroecologia, formada por um grupo de egressos que tem uma produção mais sustentável e saudável. A ideia de apostar na fruta veio dele mesmo, que confessa que o desejo de construir uma estufa era nutrido há tempo. Com a estrutura, o cultivo de 2,2 mil pés pretende ser mais uma alternativa. Demanda tem, faltavam produtores, acredita Jefferson, que espera colher meio quilo de morango por pé neste primeiro ciclo. "É preciso inovar na propriedade para agregar ainda mais", sublinha ele, que considera a desvalorização do tabaco

nos últimos anos como mais uma razão para diversificar, e com a fruta, o retorno promete ser rápido.

Fabiano também desejava há tempo apostar no morango. Além de gostar muito do sabor, a família já produzia o fruto de forma convencional e no solo, e nunca havia o suficiente para a própria demanda no preparo de tortas e cucas. Se a família já estava comprando de fora, espaço para o cultivo tem, o que foi confirmado por quem já apostava no ramo. Fabiano fez um curso específico sobre produção de morangos e constatou a real possibilidade de maior produção com maior investimento e a certeza de que é algo rentável financeiramente. Ele estudou, buscou auxílio da Emater, planejou a construção da estufa e encontrou fornecedores das mudas importadas. Serão 3 mil pés de morangos neste início, com a expectativa de colher uma média de 100 a 140 quilos por mês.

O vale-solense acredita no morango para agregar renda na propriedade dos Welland - que tem criação de animais de corte, de galinhas poedeiras para produção de ovos e o cultivo de hortaliças, tudo vindo a complementar no salão de eventos da família, na realização de festas e servindo buffet - com foco em alimentos saudáveis. "Também para se tornar uma renda de minha iniciativa e responsabilidade", assume Fabiano, protagonista.

Jefferson e Fabiano, de Vale do Sol, também estreiam na produção de morangos, motivados a diversificar a propriedade

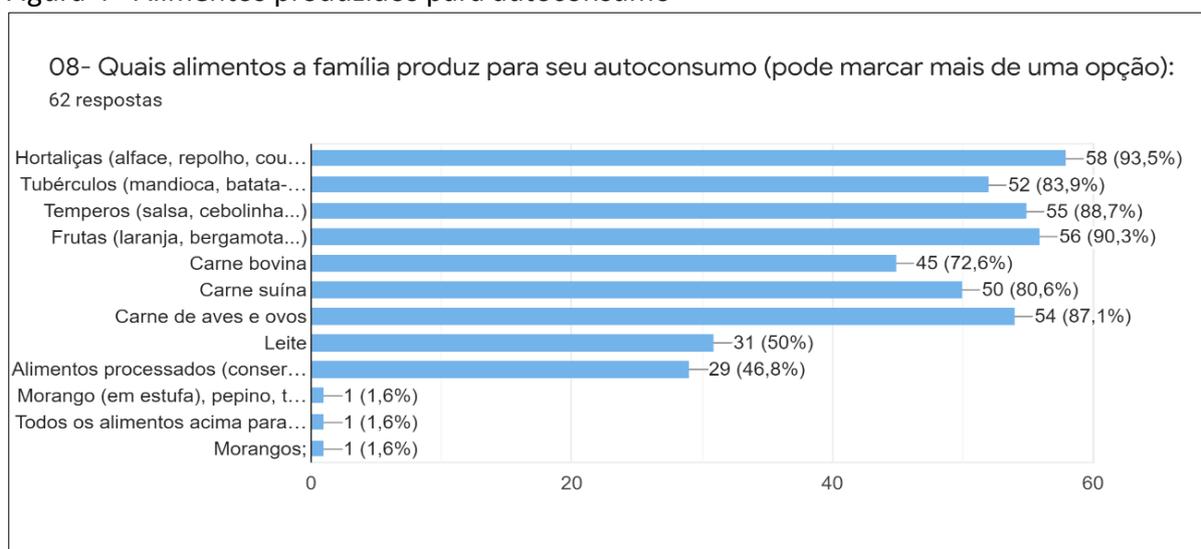
Fonte: arquivo EFASOL, 2021.

A reportagem destaca a experiência de dois jovens egressos, com referência a produção de morangos, motivados a diversificar as propriedades de suas famílias, no município de Vale do Sol. A percepção dos caminhos que os egressos/as da EFASOL estão seguindo é um meio de

provar o quanto a escola tem influenciado os processos de produção material de vida a partir das juventudes.

Em relação à produção para consumo da família, vemos que o cultivo de alimentos na Agricultura Familiar Camponesa é muito presente, ainda mais nas propriedades da juventude egressa da EFASOL (Figura 4).

Figura 4 - Alimentos produzidos para autoconsumo



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

A produção de hortaliças é muito comum em praticamente todas as propriedades onde os jovens estão, com 93,5%. Além disso, propriamente a produção de frutas em 90,3%, temperos em 88,7%, são os principais alimentos que são produzidos. 85,2% das propriedades produzem hortaliças, tubérculos, temperos, frutas, carnes e ovos. 50% produzem leite e 46,8% dos jovens produzem alimentos processados, ou seja, uma prática de conservação, mas também de agregação de valor ao alimento produzido para a comercialização.

Além da produção para consumo, a comercialização do excedente está muito presente na vida dos jovens egressos/as, pois 72,6% comercializam os alimentos, principalmente hortaliças, tubérculos, temperos, frutas e alimentos processados. Nesse sentido, a juventude egressa da EFASOL se organizou juntamente com outros parceiros (MPA, CAPA, ECOVALE), criaram um grupo no ano de 2020, realizando entregas de cestas de alimentos agroecológicos de forma semanal, na residência dos consumidores. A criação do grupo, deu-se também por uma necessidade de diversificar os meios de comercialização, devido às restrições de distanciamento social e protocolos de segurança, caudados pela pandemia do Covid-19. Na figura 5 segue uma reportagem na mídia local, sobre o funcionamento do Grupo de CSA.

Figura 5 - Reportagem Jornal Arauto, demonstrando sobre a experiência do Grupo de CSA

8 ARAUTO | SEXTA-FEIRA E SÁBADO, 23 E 24 DE JULHO DE 2021 COLONO & MOTORISTA

Juventude que produz e entrega em casa cestas repletas de saúde



> Jovens reúnem produção e organizam as cestas a serem entregues a domicílio

Quando um grupo de jovens ligados ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) com egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Efasol), apoiados por entidades como Cooperfumos, CAPA e Ecovale, resolve se unir para criar uma alternativa que envolva a produção, a gestão e a venda de produtos orgânicos, todos saem ganhando. Aqueles que se dedicam a cultivar alimentos livres de agrotóxicos, aqueles que apostam na alimentação saudável. E em tempo de restrições e dificuldades enfrentadas no comércio com a pandemia, especialmente nas feiras, a inovação foi o caminho escolhido para dar certo. Pois foi o que fizeram esses sete produtores, ao montarem as cestas camponesas.

A cada sexta-feira, conta um deles, o vale-solense Marcelo Lessing, as cestas de alimentos são organizadas de acordo com a disponibilidade de itens e o interesse do cliente, que tem se mantido fiel ao projeto. “É uma alternativa para as pessoas que não estão saindo de casa”, comenta Marcelo, ou que pelo menos estão evitando aglomerações e, principalmente, buscando alimentos frescos e sem veneno. A produção no campo, que vai além do consumo familiar, possibilita esses circuitos curtos de comercialização, um importante nicho de mercado também para agregar renda ao agricultor, comenta Cláudia Gonçalves, monitora de Produção Agroindustrial e Coordenadora da Alimentação da Efasol. Essa relação de proximidade e fidelidade entre produtores e consumidores se aproxima do conceito de CSA, Comunidades que Sustentam a Agricultura, e segundo a educadora, o despertar do jovem para esses circuitos curtos de comercialização ocorreu durante a formação de alguns deles, na Efasol, pois desde então criaram a feira Caminhos da Agroecologia.

A cada semana, os produtos cultivados em Vale do Sol; na Unidade de Produção Camponesa Harmonia, em Vera Cruz; na própria Cooperfumos e até em Rio Pardo são remetidos à sede da cooperativa para a organização das cestas. Cabe a Marcelo fazer o roteiro de entregas, que ocorre principalmente em Vera Cruz e Vale do Sol, na casa do cliente. “São produtos frescos, colhidos no dia ou na véspera, resultado de produção orgânica, ecológica, que faz bem para a saúde e para o meio ambiente”, completa o diretor-presidente da Cooperfumos, Miqueli Schiavon.

continua >

9 ARAUTO | SEXTA-FEIRA E SÁBADO, 23 E 24 DE JULHO DE 2021 COLONO & MOTORISTA

“É impossível olhar para a saúde sem olhar para a alimentação”

Sandi Xavier



> Marcelo entrega a cesta na casa de Régis Solano, uma praticidade com alimentos de qualidade

Desde meados de maio, são, em média, de 15 a 20 cestas de frutas, verduras e fermentados entregues a cada sexta-feira. Entre os produtores, espaço e valorização feminina também há, como a UPC Harmonia, conduzida por Sandi Xavier, Diulie Almansa e Letícia Schimini. Sandi é do município de Cerro Grande do Sul, na região carbonífera, e veio para Santa Cruz em 2015 ao se formar em Técnica Agropecuária com foco na alimentação agroecológica. É em Vera Cruz, em Alto Dona Josefa, que ela e as amigas cultivam seus alimentos. De uma família de 11 irmãos, Sandi relata que a produção de tabaco era a base de sustento da casa, mas também gerava dependência alimentar. “Produzia o fumo e vendia para comprar comida para casa”, assinala ela, lembrando com desgosto outros tempos. Se hoje a propriedade é diversificada, Sandi acredita que se dá pelo entendimento de que é possível produzir a própria comida, e de forma saudável. “É impossível olhar para a saúde sem olhar a alimentação”, desabafa.

O agrônomo do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), Sighard Hermany, faz eco à articulação de diversas instituições com olhar voltado à agroecologia para criar a sistemática de entrega das cestas de alimentos saudáveis nas casas em um momento em que se prima por evitar a circulação de pessoas nos estabelecimentos. “São os jovens produzindo e levando saúde. É um trabalho que promove o espaço para a juventude que planta comida e resgata a importância da agricultura familiar e camponesa de colocar comida na mesa”, atesta ele, ao garantir que a agroecologia cresce cada vez mais porque as pessoas procuram alimentos limpos, com maior valor nutricional. “É um organismo bem nutrido e equilibrado tem um sistema imunológico fortalecido”, arremata.

Para quem recebe a cesta camponesa no conforto do lar, como é o caso de Régis Solano, monitor da Efasol, só elogios. “É muito gratificante participar de um movimento desses, processos que envolvem produção de alimentos agroecológicos na agricultura familiar, ainda mais com a participação e o protagonismo da juventude do campo. Receber alimentos fresquinhos na porta de nossas residências é algo fenomenal, pela facilidade, pela comodidade, além de permitir um diálogo com essa juventude que está preocupada com o meio ambiente, e em colocar comida boa em nossas mesas”, frisa Solano.

Fonte: arquivo EFASOL, 2021.

A venda direta é um dos canais de comercialização mais utilizados pelos jovens, com a venda de alimentos principalmente em feiras rurais, também através de um grupo de Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), nos mercados institucionais (pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE e o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA) e para vizinhos, amigos e familiares que residem no campo e na cidade. Outra experiência que merece ser mencionada é a Feira Jovem Caminhos da Agroecologia (figura 6). Existente desde 2018, a feira é composta por 7 jovens egressos/as da EFASOL, do município de Vale do Sol. A feira acontece todas as segundas-feiras no período da manhã, próximo à prefeitura municipal, onde os alimentos comercializados são de produção dos jovens, livre de agrotóxicos e produtos químicos sintéticos, promovendo qualidade de vida aos consumidores.

Figura 6 - Feira Jovem Caminhos da Agroecologia



Fonte: arquivo EFASOL, 2020.

Por outro lado, nem todos os jovens possuem renda proveniente apenas da agricultura. Nesse caso, possuem renda de forma assalariada na cidade. A pesquisa revela que 22 jovens (33,8%) são assalariados na cidade, com vínculo de trabalho direto, ou de forma parcial, conciliando com sua propriedade.

Destes 22 jovens, 16 deles (72,8%) trabalham com algum tipo de vínculo com a agricultura, nas seguintes atuações, segundo as respostas coletadas: Vendedor(a) em agropecuária, balconista de agropecuária, safristas, orientador de campo, trainee em empresas fumageiras, estagiário de agronomia, comercialização de alimentos da agricultura familiar, vendedor externo de agropecuária, auxiliar de assistência técnica e extensão rural, técnico prestador de assistência técnica e extensão rural, vendedor interno agrícola, mora na cidade e

trabalha em granja no interior, comerciante agropecuário, vendedor e auxiliar de produção em floricultura, assistência técnica comercial e trabalhador com artesanato com couro animal.

Todas as atuações destacadas possuem vínculo e/ou ligação direta com a agricultura. As demais apresentadas, não possuem vínculo nenhum com a agricultura, sendo elas: secretária de despachante, proprietário de uma barbearia, vigia noturno, polidor de metais, marmoraria, militar, assistente de PCD, destroçador de pedras e auxiliar de escritório.

Foi constatado que, mais de 70% das diferentes experiências socioprofissionais, possuem direta relação com a agricultura, sendo um achado relevante para o momento histórico da pesquisa, pois com isso, podemos afirmar que, do montante de jovens egressos/as da EFASOL que trabalham como assalariados na cidade, 72,8% apresentam atuações de vínculo total com a Agricultura Familiar Camponesa, portanto, mesmo o jovem estando trabalhando na cidade, ele possui vínculo com a agricultura.

Portanto, podemos observar que de todas as respostas relatando suas experiências socioprofissionais de suas vidas, 55 jovens (88,7%) estão em atividades que representam a existência de vínculos com a agricultura. Já os demais, mesmo estando em outros segmentos, muitos relataram que aos finais de semana estão nas propriedades de suas famílias.

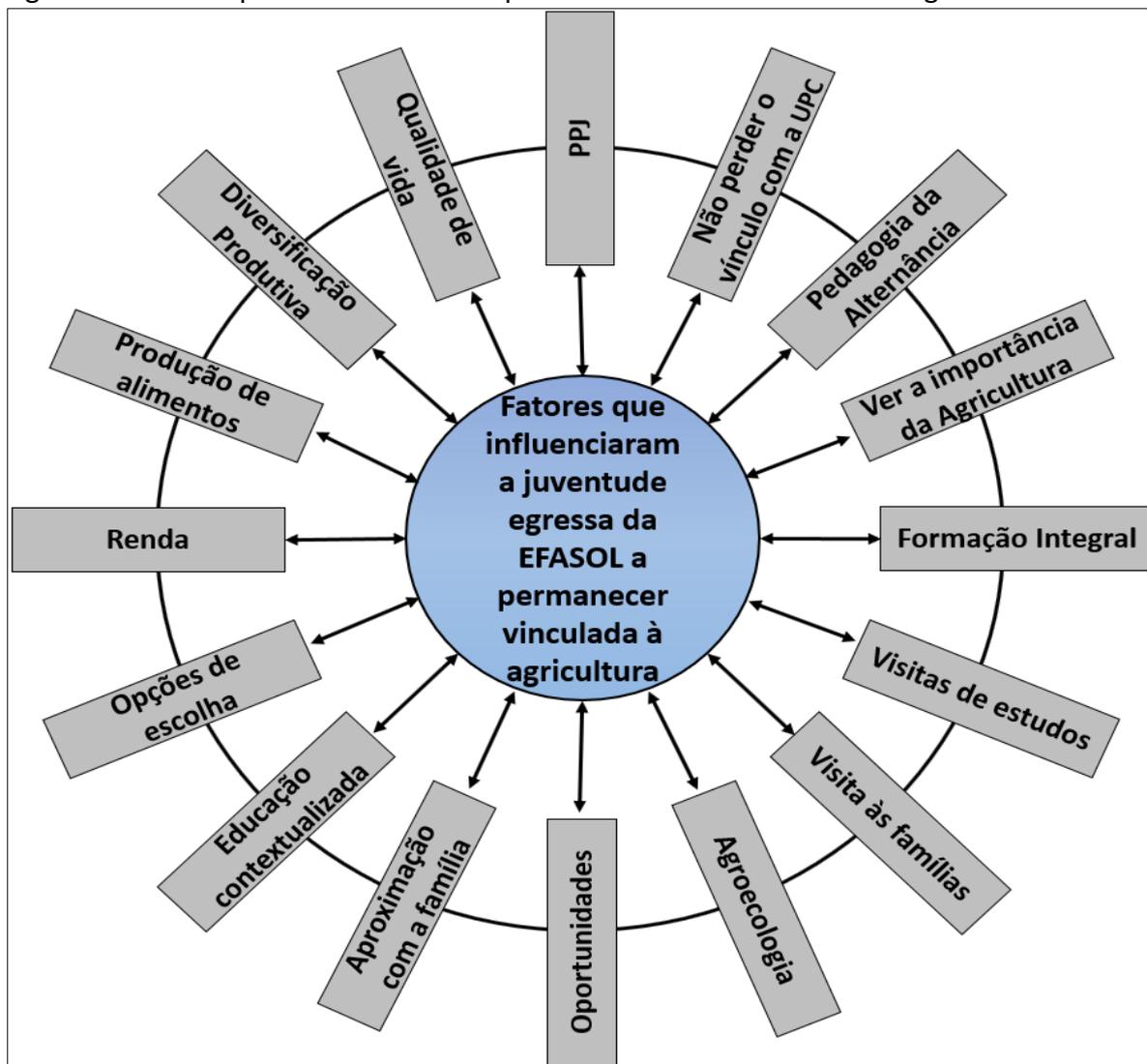
A processo de formação na EFASOL é um caminho importante para a instrumentalização da Educação do Campo, pois além da ascensão da agroecologia, promove o protagonismo da juventude camponesa. Além disso, percebe-se o reflexo dessa grande diversidade de experiências socioprofissionais que os jovens egressos/as da EFASOL estão assumindo, sobretudo de valorização e envolvimento direto com Agricultura Familiar Camponesa, bem como em muitos casos, fazendo a sucessão rural.

Neste sentido, a Pedagogia da Alternância não é apenas uma metodologia de Educação do Campo, mas também uma política inclusiva que alcança uma transformação social para a juventude rural permitindo que a sucessão familiar se desenvolva com consciência do verdadeiro papel do jovem na família e em suas comunidades (FARIA, *et al*, 2019, p. 442).

A figura 7 evidencia os fatores que influenciaram a juventude egressa da EFASOL permanecer vinculada com a agricultura. O Projeto Profissional do Jovem - PPJ, aparece como uma “porta de entrada” para as experiências socioprofissionais, principalmente na propriedade do jovem. Não perder o vínculo com a propriedade, através da Pedagogia da Alternância, ver a importância da agricultura, que através da formação integral, visitas de estudos, visitas às famílias e a agroecologia, abre um leque de oportunidades, com a aproximação da família, por

uma educação contextualizada, com opções de escolhas, renda, através da produção de alimentos saudáveis, diversificação produtiva, promovendo qualidade de vida para as pessoas.

Figura 7 - Fatores que influenciaram na permanência de vínculos com a agricultura



Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Atualmente, 26 jovens (41,9%) tem vínculo em alguma associação, cooperativa, movimento social ou sindical. Segundo eles, participam de diferentes entidades e/ou grupos, conforme o quadro 1. Existe uma grande diversidade de organizações e entidades que a juventude egressa da EFASOL está inserida, mantendo vínculo direto com elas, pois os jovens estão se articulando regionalmente.

Há uma contribuição ao desenvolvimento regional, pois estão organizados coletivamente, em associações e cooperativas. Entendem-se como sujeitos coletivos e não individuais. Além disso, estão preocupados com a manutenção da segurança alimentar e procuram alternativas na agricultura agroecológica e orgânica, que além de ser livre de veneno, agrega valor aos produtos comercializados por eles (BOFF, *et al*, 2019, p. 280).

Quadro 1 - Organizações e/ou entidades que os jovens possuem vínculo

Associação e/ou cooperativa	Movimento social e/ou sindical	Outros grupos
-Associação das trabalhadoras rurais de Lagoa Bonita baixada; -Associação de produtores; -Associação de Pequenos Agricultores Renascer Hortifrutigranjeiros do Vale (Aparhortivale); -Associação dos produtores de leite; -Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL); -Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA); -Cooperativa de Crédito Sicredi; -Cooperativa Coagrisol; -Cooperativa Regional de Agricultores familiares Ecologistas (ECOVALE); -Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil (Cooperfumos).	-Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município; -Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Vale do Sol; -Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Herveiras; -Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale do Sol e Herveiras; -Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).	-Escola de Jovens Rurais (EJR); -Grupo de jovens da comunidade e município; -Grupo amigos do Bem (desenvolvendo ações sociais); -Diretoria de comunidade; -Diretoria de patrulha agrícola; -Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER); -Grupos do CAPA – Centro de Apoio a Promoção da Agroecologia. -Grupo de Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA – Cestas Camponesas).

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

O trabalho coletivo, juntamente com movimentos sociais, cooperativas ou associações, muitas vezes facilita e muito o cotidiano dos agricultores familiares camponeses. O desenvolvimento dessas instituições, sobretudo a criação de novas, vem aumentando no Brasil. Um reflexo disso é o grande aumento dos estabelecimentos associados a Cooperativas, conforme o Censo Agropecuário de 2017, pois houve um aumento de 67,3% em relação ao censo de 2006. Atualmente, em torno de 579,5 mil estabelecimentos estão associados a alguma cooperativa.

4 Considerações finais

Na proposta desta pesquisa, demonstrou que o propósito da existência da Pedagogia da Alternância no mundo, está cumprindo seu papel até os dias atuais, inclusive através do funcionamento da EFASOL, tornando o jovem o principal sujeito do processo, com uma formação técnica, humana e libertadora, criando possibilidades para o jovem seguir o caminho que o mesmo entender ser o melhor para sua vida.

Portanto, diante de alguns dados mencionados na pesquisa, 95,2% dos jovens na região do Vale do Rio Pardo, 69,4% de residirem no campo atualmente e 88,7% dos egressos da EFASOL estarem vinculados com a agricultura, vemos a importância da EFASOL na vida desses jovens, sobretudo seu papel na formação da juventude está bem consolidado. Neste sentido, a EFASOL contribui para que a juventude desenvolva e continue desenvolvendo ações que promovam o desenvolvimento regional na perspectiva da Agricultura Familiar Camponesa.

A pesquisa trouxe visibilidade aos jovens camponeses tão invisíveis nos territórios hegemônicos. A conquista da Educação do Campo em si representa um avanço, no entanto, caminha a passos lentos. Mesmo após a promulgação das Diretrizes Operacionais da Educação Básica do Campo e a implantação dos CEFFAs, ainda se presencia escolas desvinculadas da realidade local, implantadas no campo como meras reproduzidas do modelo de vida e de ensino praticados no meio urbano. São muitos desafios que precisam ser superados, para isso, os educadores têm papel importante, para resgatar a cultura e o significado de viver no campo com dignidade e, ainda, instrumentalizar seus alunos para que possam ver o lugar a partir de sua realidade. É essencial proporcionar um ensino que leve os sujeitos sociais do campo a refletir sobre seu contexto e os motive a transformar a realidade, superando os estereótipos historicamente constituídos de que são ignorantes e que a sua cultura é inferior.

As Escolas Famílias Agrícolas constituem exemplos de instituições alternativas situadas no campo brasileiro, em contraposição a escola tradicional. Observa-se que há uma diferenciação entre os sistemas adotados por estas instituições, no entanto estas se assemelham ao propiciarem a articulação trabalho e escola, o que permite que o indivíduo consiga conciliar o acesso à formação escolar vinculada à realidade, ao mesmo tempo em que adquire conhecimentos significativos e os pratica na sua propriedade, comunidade ou movimento de que participe, promovendo a transformação do seu meio, podendo decidir criticamente entre permanecer ou sair do campo.

Referências

BASTIANI, T. M., STRASSER, R. B., **Permanência dos Jovens no Campo: Para que?** Contribuições dos Movimentos sociais para a educação dos trabalhadores: crianças, jovens, adultos e idosos (espaços formais e não formais). 2012.

BEGNAMI, J. B., **Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias.** 2003. Dissertação de Mestrado Internacional em Ciências da Educação - Formação e Desenvolvimento Sustentável. Universidade Nova de Lisboa – Portugal e Universidade François Rabelais de Tours – França. Belo Horizonte/MG, 2003.

BEGNAMI, J. B. **Formação por Alternância na Licenciatura em Educação do Campo:** possibilidades e limites do diálogo com a Pedagogia da Alternância. Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

BOFF, M. CAMELLO, H. MATTÉ, I. TRENTIN. L. A Trajetória dos Egressos da EFASERRA, suas compreensões do processo formativo e a contribuição para o Desenvolvimento do Meio. In: BENÍSIO, Joel Duarte; COSTA, Tiago Pereira da; (orgs.). **Anais do I Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância do Brasil (CONPAB) & I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância & IV Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil.** Salvador, Bahia, Brasil: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. UNEFAB, 2019.

BRASIL, PRESIDENCIA DA REPÚBLICA, **Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 08 de outubro de 2020, às 01h54min.

CASTRO, E. G., MARTINS, M., ALMEIDA, S. L. F., RODRIGUES, M. E. B., CARVALHO, J. G., **Os Jovens estão indo embora? Juventude Rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

Censo Agropecuário de 2017, disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>. Acesso em janeiro de 2022.

CONPAB. **Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância no Brasil.** Anais 50 anos da Pedagogia da Alternância no Brasil. I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância, IV Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil. Organizadores: Joel Duarte Benísio e Tiago Pereira da Costa. Salvador, Bahia – Brasil, Setembro de 2019.

COSTA, J. P. R. **Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC:** uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da Pedagogia da Alternância. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

FARIA, L. A. S. B. FARIA, G. S. XAVIER, G. S. JESUS, J. B. J. CASTRO, J. C. R. SOARES, V. A. M. Contribuição do Curso de Agronomia/PRONERA/UFTM para a Juventude Rural com Ênfase na Sucessão Familiar: Um relato de caso In: BENÍSIO, Joel Duarte; COSTA, Tiago Pereira da; (orgs.). **Anais do I Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância do Brasil (CONPAB) & I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância & IV Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil.** Salvador, Bahia, Brasil: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. UNEFAB, 2019.

FIGARO, R. **O mundo do trabalho e as organizações: Abordagens discursivas de diferentes significados.** Revista brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 90-100, 2. Sem. 2008.

GADOTTI, M. FREIRE, P. GUIMARÃES, S. **Pedagogia: Diálogo e Conflito.** 4ª edição – São Paulo, Editora Cortez, 1995.

GARCÍA-MARRRODRIGA, R., PUIG-CALVÓ, P. **Formação em Alternância e desenvolvimento educativo dos CEFFAS no mundo.** Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GRANEREAU, A. P. J., **O Livro de Lauzun: onde começou a Pedagogia da Alternância.** Organizado por Elenilce Gomes de Oliveira e Enéas de Araújo Arrais Neto, traduzido por

Antônio João Mânfió, João Estáquio Romão, Atico Fassino e Thierry Burghgrave, revisado por Paolo Nosella, Thierry Burghgrave e João Batista Begnami. Coleção: Labor – Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional. Fortaleza, Editora UFC, 2020.

MENEZES, M. A., STROPASOLAS, V. L., BARCELOS, S. B. **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Série Juventude Estudos. Brasília, Presidência da República, Coedição com o NEAD/MDA e IICA. 2014.

MOLINA, M. C. **Educação do Campo e Pesquisa**: Questões para reflexão. Brasil, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Brasília/DF. 152 p. 2006.

MOLINA, M. C., FREITAS, H. C. A. **Educação do campo**. Em aberto, Brasília, n. 85 p. 1-177, abr. 2011.

POZZEBON, A. **A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS**: Uma contribuição para o Desenvolvimento Rural. 2015. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, N. **Juventude Rural e Agricultura Familiar**: Diálogos através da pesquisa e extensão. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Ouro Preto – Minas Gerais, 2006.

SOUZA, M. A. **Educação do Campo: Políticas, práticas Pedagógicas e Produção Científica**. Modalidade Produtiva em Pesquisa. Educ. Soc., Campinas, Vol. 29, n. 105, p.1089 – 1111, set./dez. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

WAQUIL, P. D. MIELE. M. SCHULTZ. G. **Mercado e Comercialização de Produtos Agrícolas**. 1ª edição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Editora UFRGS, 2010.